FICHA TÉCNICA

Título original: *Small Great Things*

Autora: *Jodi Picoult*

Copyright © 2016 by Jodi Picoult

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por acordo com Ballantine Books, uma chancela de The Random House Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Florbel Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, março, 2017

Depósito legal n.º 422 132/17

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O Poder das Pequenas Coisas é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou usados ficticiamente. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, lugares ou pessoas vivas ou mortas é pura coincidência.

Porque a linguagem é um mediador importante de poder, estatuto e privilégio, a autora deliberadamente optou pelo uso de determinadas escolhas no tratamento de certos termos relacionados com a identidade.

PRIMEIRA FASE

PRÉ-TRABALHO DE PARTO

A justiça não será praticada até que aqueles que não são afetados se sintam tão ultrajados como os que são.

BENJAMIN FRANKLIN

RUTH

O milagre aconteceu na West Seventy-Fourth Street, na casa onde a minha mãe trabalhava. Era um prédio grande, de arenito pardo, rodeado por uma cerca de ferro forjado, e onde, debruçadas sobre cada lado da porta ornamentada, havia gárgulas cujas caras de granito tinham sido talhadas dos meus pesadelos. Aterrorizavam-me, por isso não me incomodava entrarmos sempre pela menos imponente porta lateral, cujas chaves a mãe guardava na sua mala, atadas com uma fita.

A mãe trabalhava para Sam Hallowell e a sua família desde antes de a minha irmã e eu termos nascido. Podem não ter reconhecido o seu nome, mas tê-lo-iam identificado assim que ele dissesse «olá». Ele fora a inconfundível voz em meados dos anos sessenta que anunciava antes de cada exibição: *O programa seguinte é-vos trazido a cores na NBC!* Em 1976, quando o milagre aconteceu, ele era o diretor de Programação da estação. A campainha da porta por baixo das gárgulas tocava o famoso repique agudo de três notas que toda a gente associa à NBC. Às vezes, quando acompanhava a minha mãe ao trabalho, esgueirava-me lá para fora e carregava no botão, cantarolando ao mesmo tempo.

A razão por que nesse dia nos encontrávamos com a mãe foi porque nevava e a escola fora cancelada. Nós éramos demasiado pequenas para ficar sozinhas no nosso apartamento enquanto a mãe ia trabalhar, coisa que ela fazia quer fosse dia de neve ou de granizo, e provavelmente também de terremotos e do Armagedão. Enquanto nos enfiava os fatos e as botas de neve, murmurava que não interessava se tinha de atravessar uma tempestade

para isso, mas Deus nos livre que a Sra. Mina tivesse de barrar a sua própria sanduíche com manteiga de amendoim. De facto, a única vez que me lembro de a mãe ter pedido dispensa do trabalho foi vinte e cinco anos mais tarde, quando colocou nas duas ancas próteses generosamente pagas pelos Hallowells. Ficou uma semana em casa e, mesmo depois disso, embora não tenha sarado corretamente, insistiu em voltar ao trabalho, e Mina arranjava-lhe tarefas que não a mantivessem de pé. No entanto, quando eu era pequena, durante as férias escolares, os períodos de febre e os dias de neve como aquele, a mãe levava-nos com ela na automotora para o centro.

Nessa semana, o Sr. Hallowell ausentara-se para a Califórnia, o que acontecia com frequência, e que significava que a Sra. Mina e Christina ainda precisavam mais da mãe. Eu e Rachel também precisávamos, mas suponho que nos desenvencilhávamos melhor sozinhas do que a Sra. Mina.

Quando finalmente emergimos na Seventy-Second Street, o mundo era branco. Não era apenas Central Park apanhado num globo de neve. As faces de homens e mulheres que, arrepiados, afrontavam a tempestade para ir trabalhar não se pareciam nada com a minha, nem com a dos meus primos e vizinhos.

Eu nunca estivera em nenhuma casa de Manhattan, exceto na dos Hallowells, por isso não sabia como era extraordinário uma família viver, sozinha, naquele enorme prédio. Porém, lembro-me de ter pensado que não fazia sentido que Rachel e eu tivéssemos de meter os nossos fatos e botas de neve no minúsculo e entulhado armário da cozinha, havendo imensos cabides livres e espaços abertos na entrada principal, onde se penduravam os casacos de Christina e da Sra. Mina. A mãe guardava igualmente o seu casaco e o seu lenço da sorte, aquele macio que cheirava como ela e que Rachel e eu lutávamos para usar em nossa casa, porque dava a sensação de estarmos a afagar um porquinho-da-índia ou um coelhinho. Esperei que a mãe se deslocasse pelas salas escuras como a Sininho, carregando num interruptor, ou num puxador, ou num botão a fim de que a fera adormecida de uma casa ganhasse gradualmente vida.

— Vocês as duas estejam sossegadas — disse-nos a mãe — que eu faço-vos o chocolate quente da senhora Mina.

Era importado de Paris e sabia divinamente. Por isso, enquanto a mãe atava o seu avental branco, peguei numa folha de papel que tirei de uma gaveta da cozinha e numa caixa de lápis que trouxera de casa e comecei a desenhar em silêncio. Fiz uma casa tão grande como aquela. Pus lá dentro uma família: eu, a mãe, Rachel. Tentei desenhar neve, mas não consegui. Os flocos que fizera a lápis branco eram invisíveis no papel. A única maneira de os ver era inclinando a folha na direção da luz do candeeiro, para se distinguir o brilho por onde o lápis passara.

— Podemos ir brincar com a Christina? — perguntou Rachel. Christina tinha seis anos, o que a colocava mesmo entre a minha idade e a de Rachel. Christina tinha o maior quarto que eu já vira e mais brinquedos do que qualquer pessoa que eu conhecia. Quando ela estava em casa e vínhamos com a nossa mãe para o trabalho, brincávamos às escolas com ela e com os seus ursinhos de pelúcia, bebíamos água em chávenas de chá de porcelana autêntica e entrançávamos o cabelo cor de milho das suas bonecas. A menos que ela tivesse lá uma amiga, e nesse caso ficávamos na cozinha a colorir desenhos.

Porém, antes de a mãe poder responder, ouviu-se um grito tão penetrante e tão aflitivo que foi como uma punhalada no meu peito. Soube que tivera o mesmo efeito na mãe, porque ela quase deixou cair o jarro de água que levava para o lava-louças.

— Fiquem aqui — mandou, a voz já a ficar para trás enquanto corria escada acima.

Rachel foi a primeira a saltar da cadeira; não era menina para seguir instruções. Fui arrastada na sua esteira, um balão atado ao seu pulso. A minha mão deslizou pelo corrimão da escadaria curva, sem lhe tocar.

A porta do quarto da Sra. Mina estava escancarada e ela con-torcia-se na cama num sorvedouro de lençóis de cetim. A curva da sua barriga erguia-se como uma lua; o branco brilhante dos seus olhos recordou-me os cavalos de um carrossel, petrificados em voo.

— É demasiado cedo, Lou — ofegou ela.

— Diga isso a este bebé — replicou a mãe. Segurava o auscultador do telefone. A Sra. Mina agarrava-lhe a outra mão com um aperto mortal. — Agora pare de fazer força — disse. — A ambulância estará cá em minutos.

Perguntei a mim mesma como é que uma ambulância poderia chegar cá depressa no meio de tanta neve.

— Mãe?

Só quando ouvi a voz de Christina percebi que o barulho a acordara. Parou entre Rachel e eu.

— Vocês as três vão para o quarto da menina Christina — mandou a mãe, a voz cortante como aço. — *Já*.

Contudo, continuámos pregadas no mesmo lugar, porque a mãe depressa se esqueceu de nós, perdida num mundo feito da dor e do medo da Sra. Mina, tentando ser o mapa que ela pudesse seguir para de lá sair. Vi os tendões do pescoço da Sra. Mina sobressaírem enquanto ela gemia; vi a mãe a ajoelhar-se na cama entre as suas pernas e a empurrar-lhe a camisa para cima dos joelhos. Observei os lábios rosados entre as pernas da Sra. Mina a enrugarem-se, a incharem e a afastarem-se. Viu-se o botão redondo de uma cabeça, o nó de um ombro, um jato de sangue fluido, e de súbito havia um bebé aconchegado nas mãos da mãe.

— Olhem só para ti — comentou ela, com amor estampado no rosto. — Então estavas com pressa de vir a este mundo?

Aconteceram duas coisas em simultâneo: a campainha da porta tocou e Christina começou a chorar.

— Oh, querida — murmurou a Sra. Mina, já não assustada mas ainda suada e congestionada. Estendeu a mão, mas Christina estava demasiado aterrada com o que vira, e preferiu aninhar-se mais contra mim. Rachel, sempre prática, foi abrir a porta. Regressou com dois paramédicos, que se precipitaram e tomaram conta da situação, de maneira que aquilo que a mãe fizera pela Sra. Mina se tornou igual a tudo o resto que fazia para os Hallowells: contínuo e invisível.

Os Hallowells chamaram ao bebé Louis, por causa da mãe. Estava bem, apesar de ter nascido quase um mês adiantado, uma vítima

da queda da pressão atmosférica provocada pela tempestade, que provocou uma RPB — uma rotura prematura de membranas. É claro que nessa altura eu não sabia isso, apenas que num dia de neve em Manhattan vira o início absoluto de um ser. Eu estivera com aquele bebé antes que alguém ou alguma coisa neste mundo tivesse tido a possibilidade de o desapontar.

A experiência de assistir ao nascimento de Louis afetou-nos a todos de maneira diferente. Christina teve o seu bebé recorrendo a uma barriga de aluguer. Rachel teve cinco. Eu tornei-me enfermeira obstetra.

Quando conto esta história, as pessoas partem do princípio de que o milagre a que me refiro durante essa tempestade distante foi o nascimento de um bebé. É verdade que foi espantoso, mas nesse dia testemunhei uma maravilha maior. Enquanto Christina apertava a minha mão e a Sra. Mina apertava a da mãe, houve um momento — uma batida do coração, um sopro — em que todas as diferenças de educação e dinheiro e cor de pele se evaporaram como miragens num deserto, em que toda a gente era igual, e era apenas uma mulher a ajudar outra.

Há trinta e nove anos que espero ver *esse milagre* de novo.

PRIMEIRA FASE

TRABALHO DE PARTO ATIVO

Nem tudo o que se enfrenta pode ser mudado.
Mas nada pode ser mudado até ser enfrentado.

JAMES BALDWIN

RUTH

O bebê mais bonito que já vi nasceu sem cara.

Do pescoço para baixo, era perfeito: dez dedos das mãos, dez dedos dos pés, barriga rechonchuda, mas onde deveria estar a sua orelha, havia lábios distorcidos e um único dente. Em vez de cara havia um remoinho de pele sem feições.

A mãe, a minha paciente, era uma grávida de trinta e um anos, gestação 1 parto 1, que recebera cuidados pré-natais, incluindo uma ecografia, mas o bebê encontrara-se numa posição em que a deformidade facial não fora visível. A espinha, o coração, todos os órgãos pareciam bem, portanto ninguém esperava aquilo. Talvez por isso ela tenha optado por dar à luz no Mercy-West Haven, o nosso pequeno hospital, e não no Yale-New Haven, que está mais bem equipado para urgências. Entrou no termo da gravidez e esteve em trabalho de parto durante dezasseis horas antes de parir. O médico ergueu o bebê, e houve apenas silêncio. Um silêncio branco e sonoro.

— Ele está bem? — perguntou a mãe, em pânico. — Porque é que não chora?

Eu tinha uma aluna de enfermagem a acompanhar-me, e ela soltou um grito.

— Sai — disse eu firmemente, empurrando-a para fora da sala. Depois recebi o recém-nascido do obstetra e pousei-o no aquecedor, limpando-lhe o vérnix caseoso dos membros. O obstetra realizou um breve exame, cruzou o olhar com o meu em silêncio, e virou-se de novo para os pais, que, nessa altura, já sabiam que havia algo de terrivelmente errado. Com palavras suaves, o médico disse-lhes que o filho apresentava profundos defeitos de nascença que eram incompatíveis com a vida.

Num piso de maternidade, a Morte é uma paciente muito mais comum do que se poderia pensar. Quando temos mortes por anencefalias ou mortes fetais, sabemos que os pais ainda precisam de se ligar a esse bebê e de fazer o seu luto. Esta criança, viva pelo tempo que fosse, ainda era o filho daquele casal.

Assim, limpei-o e envolvi-o, como faria com qualquer outro recém-nascido, enquanto atrás de mim a conversa entre os pais e o médico parava e arrancava como um carro engasgado no inverno. *Porquê? Como? E se o doutor...? Quanto tempo até...?* Perguntas que ninguém quer ter de fazer nunca, e que ninguém quer nunca ter de responder.

A mãe continuava a chorar quando instalei o bebê na curva do seu braço. As suas minúsculas mãos agitavam-se. Ela sorriu-lhe, com o coração nos olhos.

— Ian — sussurrou ela. — Ian Michael Barnes.

Mostrava uma expressão que eu só vira em quadros de museus, de um amor e de uma dor tão intensos que se fundiam para criar uma nova emoção em estado puro.

Voltei-me para o pai.

— Gostaria de pegar no seu filho?

Ele parecia prestes a vomitar.

— Não sou capaz — murmurou, e disparou para fora do quarto.

Segui-o, mas fui detida pela enfermeira em treino, plena de desculpas e transtornada.

— Peço desculpa — disse ela. — Mas é que... era um *monstro*.

— É um *bebê* — corrigi-a, e ultrapassei-a.

Apanhei o pai na sala de espera.

— A sua mulher e o seu filho precisam de si.

— Aquilo não é meu filho — retorquiu. — Aquela... coisa...

— Não vai ficar muito tempo neste mundo. O que significa que é melhor dar-lhe já todo o amor que tinha guardado para a sua vida inteira. — Esperei até ele me olhar nos olhos e depois dei meia-volta. Não precisei de me virar para trás para saber que me seguia.

Quando entrámos no quarto, a mulher ainda estava a aconchegar o bebê, os lábios pousados na tela lisa da sua testa. Tirei o minúsculo

fardo dos seus braços e estendi o bebé ao marido. Ele inspirou profundamente e depois afastou a manta do lugar onde deveria achar-se a cara do bebé.

Tenho pensado nos meus atos, sabem. Se terei feito bem em forçar o pai a confrontar o seu bebé moribundo, se tal me competia como enfermeira. Se a minha supervisora me tivesse perguntado isso na altura, eu teria dito que fora treinada para proporcionar uma conclusão a pais enlutados. Se aquele homem não reconhecesse que algo de verdadeiramente horrível acontecera, ou, pior, se continuasse a fingir o resto da sua vida que nada acontecera, abrir-se-ia um buraco no seu íntimo. A princípio minúsculo, esse poço iria aumentando, cada vez maior, até que um dia, quando menos esperasse, ele compreenderia que estava completamente oco.

Quando o pai começou a chorar, os soluços sacudiam-lhe o corpo como um furacão curva uma árvore. Afundou-se na cama do hospital, ao lado da mulher, e ela pousou uma mão nas costas do marido e a outra no cimo da cabeça do bebé.

Revezaram-se a pegar no filho durante dez horas. Aquela mãe tentou até deixá-lo mamar. Não pude evitar fixá-la, não por ser feio ou errado, mas porque era a coisa mais notável que já vira. Provocou-me a sensação de olhar o sol de frente: quando me voltei, estava cega para tudo o resto.

A dada altura, levei aquela estúpida enfermeira ao quarto comigo, ostensivamente para verificar os sinais vitais da mãe, mas na realidade para a obrigar a constatar com os seus próprios olhos que o amor não tem nada que ver com aquilo para que estamos a olhar, e tudo que ver com quem está a olhar.

Quando o bebé morreu, foi em paz. Fizemos moldes da mão e do pé do recém-nascido para os pais guardarem. Soube que esse mesmo casal voltou dois anos mais tarde e que teve uma filha saudável, embora não estivesse de serviço na altura.

O que só serve para demonstrar que todos os bebés nascem belos. É aquilo que projetamos neles que os torna feios.

Logo após ter dado à luz Edison, neste mesmo hospital há dezasseis anos, eu não estava preocupada com a saúde do meu bebé,

nem em como iria conseguir ser mãe sozinha enquanto o meu marido se encontrava no estrangeiro, nem em como a minha vida iria mudar agora que era mãe.

Estava preocupada com o meu cabelo.

A última coisa em que se pensa quando se entra em trabalho de parto é na nossa aparência, mas se forem como eu, é a primeira coisa que nos vem à cabeça depois de o bebé nascer. A transpiração que cola o cabelo de todas as minhas doentes brancas às suas testas faz antes as minhas raízes encaracolarem-se e afastarem-se do escalpe. Escovar o cabelo em remoinho em volta da cabeça como um cone de gelado e atá-lo com um lenço todas as noites era o que o conservava liso no dia seguinte quando o soltava. Mas que enfermeira branca sabia isso, ou compreendia que o pequeno frasco de champô oferecido pela liga auxiliar do hospital apenas faria o meu cabelo encarolar mais? Tinha a certeza de que quando as minhas bem-intencionadas colegas chegassem para conhecer Edison ficariam petrificadas de choque à vista da confusão que ia no topo da minha cabeça.

Por fim, acabei por enrolar o cabelo numa toalha e disse às visitas que acabara de tomar duche.

Conheço enfermeiras que trabalham em pisos operatórios que me falam de homens que saem de uma operação de maca e que insistem em colocar os seus capachinhos na sala de recobro antes de as esposas se lhes irem juntar. Nem sei dizer-lhes quantas vezes uma paciente que passou a noite a grunhir, a gritar e a fazer força para expelir um bebé com o marido ao lado põe esse mesmo marido fora da sala a seguir ao parto para eu poder ajudá-la a vestir uma camisa bonita e um roupão.

Compreendo a necessidade que as pessoas têm de apresentar um certo rosto ao resto do mundo. Razão por que, ao chegar para o meu turno às 6h40, nem sequer vou à sala do pessoal, onde em breve seremos postas ao corrente da noite pela enfermeira-chefe. Em vez disso, esgueiro-me pelo corredor até à paciente com quem estive ontem, antes de terminar o meu turno. Chamava-se Jessie e era uma coisinha frágil que entrara no piso mais com o aspeto de uma primeira-dama em campanha do que uma mulher em

trabalho de parto ativo: o cabelo impecavelmente penteado, a cara maquilhada; até a roupa de grávida era elegante e caía bem. Isso é um sinal certo, dado que às quarenta semanas de gravidez a maioria das futuras mães se sentiria feliz com uma tenda enfiada pela cabeça. Examinei a sua ficha — G1 e agora P1 —, sorri. A última coisa que dissera a Jessie, antes de a entregar aos cuidados de uma colega e ir para casa à noite, fora que, da próxima vez que a visse, ela teria um bebê, e com efeito tenho um novo paciente. Enquanto eu dormia, Jessie deu à luz uma saudável rapariga com três quilos e trezentos e cinquenta gramas.

Abro a porta e encontro Jessie a dormir. O bebê está aconchegado no berço ao lado da cama; o marido está esparramado numa cadeira, a rressonar. Jessie mexe-se quando entro e levo imediatamente um dedo aos lábios. *Chiu.*

Tiro da mala um espelho e um batom vermelho.

Parte do trabalho de parto é conversa; é a distração que faz recuar a dor e que é a cola que liga a enfermeira à sua paciente. Que outra situação clínica lhes ocorre em que um profissional da medicina passe até doze horas em consulta com uma única pessoa? Consequentemente, a ligação que criamos com estas mulheres é forte e rápida. Sei coisas acerca delas, numa simples questão de horas, que as suas mais íntimas amigas nem sempre sabem: que conheceu o companheiro num bar após já ter bebido demasiado; que o pai dela não viveu o suficiente para ver este neto; que a preocupa ir ser mãe porque em adolescente detestava tomar conta de crianças. Na noite passada, durante as horas assustadoras do trabalho de parto de Jessie, em que ela se achava lacrimosa, exausta e a embirrar com o marido, sugeri que ele fosse tomar um café à cafeteria. Assim que o marido saiu, o ar no quarto ficou mais respirável, e ela deixou-se cair contra aquelas horríveis almofadas de plástico que temos no piso da maternidade. — E se este bebê mudar tudo? — soluçou. Confessou-me que nunca ia a lado algum sem a sua «cara de êxito», que o marido nunca a vira sem rímel; agora, que ali via o seu corpo a contorcer-se, como poderia ele voltar a olhar para ela da mesma maneira?

Ouçã, dissera-lhe eu, *deixe que eu me preocupe com isso.*

Gostaria de pensar que ter-lhe tirado aquele peso dos ombros foi o que lhe deu força para passar à transição.

É engraçado. Quando digo às pessoas que sou enfermeira obstetra há mais de vinte anos, ficam impressionadas com o facto de eu ter assistido a cesarianas, de ser capaz de iniciar uma infusão intravenosa de olhos fechados, de conseguir perceber a diferença entre uma desaceleração no batimento cardíaco fetal que é normal e uma que exige intervenção. Contudo, para mim, ser enfermeira obstetra é conhecer a nossa paciente e aquilo de que ela precisa. Uma massagem nas costas. Uma epidural. Um pouco de *Maybelline*.

Jessie lança um olhar ao marido, ainda morto para o mundo. Depois pega no batom que lhe estendo. — Obrigada — sussurra, e os nossos olhos encontram-se. Seguro no espelho enquanto ela se reinventa uma vez mais.

Às quintas, o meu turno vai das 7h às 19h. No Mercy-West Haven, durante o dia, temos geralmente duas enfermeiras no piso da maternidade; três se estivermos a nadar em recursos humanos nesse dia. Ao atravessar o piso, noto casualmente quantas das salas de parto estão ocupadas; são três, neste momento, um belo começo de dia lento. Quando entro, Marie, a enfermeira-chefe, já se encontra na sala onde temos a nossa reunião matinal, mas Corinne, a segunda enfermeira de turno comigo, ainda não chegou.

— O que vai ser hoje? — pergunta Marie, folheando o jornal da manhã.

— Pneu furado — respondo.

Este jogo de adivinhas é uma rotina: *Que desculpa dará hoje Corinne para chegar atrasada?* Está um lindo dia de outubro, por isso ela não pode culpar o tempo.

— Isso foi na semana passada. Eu aposto em gripe.

— Por falar nisso — digo —, como está a Ella? — A filha de Marie, de oito anos, apanhara uma virose gastrointestinal que anda por aí.

— De volta à escola hoje, graças a Deus — replica Marie. — Agora foi o Dave que apanhou. Calculo dispor de vinte e quatro

horas antes de o número aumentar. — Ergue os olhos da secção regional do jornal. — Vi outra vez o nome do Edison aqui — comenta ela.

O meu filho tem estado no quadro de honra todos os semestres no secundário, mas, tal como lhe digo, não é motivo para se vangloriar.

— Há imensos rapazes inteligentes nesta cidade — contesto.

— Ainda assim — diz Marie —, para um rapaz como o Edison ter tanto êxito... bom. Deves sentir-te orgulhosa, é tudo. Só posso esperar que a Ella se revele uma estudante tão boa.

Um rapaz como o Edison. Sei o que quer dizer, embora Marie tenha o cuidado de não o soletrar. Não há muitos miúdos negros no ensino secundário e, tanto quanto sei, Edison é o único no quadro de honra. Comentários destes magoam como cortes de papel, mas já trabalho com Marie há mais de dez anos, por isso esforço-me por ignorar a ferroada. Sei que não pretende insinuar nada com aquilo. Afinal, é uma amiga, foi a minha casa com a família para a ceia de Páscoa no ano passado, juntamente com algumas das outras enfermeiras, e temos saído para tomar *cocktails* ou ir ao cinema à noite e uma vez a um fim de semana de raparigas num spa. Ainda assim, Marie não imagina quantas vezes tenho de respirar fundo e seguir em frente. Os brancos não sentem metade das coisas ofensivas que lhes saem da boca para fora, portanto tento não me irritar.

— Talvez devesse esperar que a Ella consiga passar o dia de escola sem voltar ao gabinete de enfermagem — replico, e Marie ri-se.

— Tens razão, primeiro o mais importante.

Corinne irrompe pela sala.

— Lamento chegar atrasada — diz, e eu e Marie trocamos um olhar. Corinne é quinze anos mais nova do que eu, e há sempre alguma emergência; um carburador morto, uma briga com o namorado, um acidente na 95N. Corinne é uma daquelas pessoas para quem a vida é apenas o espaço entre crises. Despe o casaco e consegue derrubar um vaso com uma planta seca há meses e que ninguém se preocupou em substituir. — Raios — murmura ela,

endireitando o vaso e varrendo a terra de novo para dentro. Limpa as palmas das mãos na bata, e depois senta-se com as mãos cruzadas. — Lamento realmente, Marie. O estúpido pneu que substituí na semana passada tem uma fuga ou qualquer coisa; tive de conduzir todo o caminho até cá a menos de cinquenta.

Marie mete a mão no bolso e tira um dólar, que me atira do outro lado da mesa. Rio-me.

— Muito bem — começa Marie. — Relatório de piso. A sala dois é um par. Jessica Myers, G1 P1 às quarenta semanas e dois dias. Teve um parto vaginal às três horas desta madrugada, sem complicações, sem medicação prescrita para dores. A menina está a mamar bem; já fez chichi mas ainda não fez cocó.

— Eu fico com ela — dizemos Corinne e eu em unísono.

Toda a gente quer a paciente que já deu à luz; é a tarefa mais fácil.

— Eu tive-a durante o trabalho de parto ativo — assinalo.

— Certo — diz Marie. — Ruth, é tua. — Empurra os óculos de ler mais para cima no nariz. — Na sala três é Thea McVaughn, G1 P0 com quarenta e uma semanas e três dias, está em trabalho de parto ativo com quatro centímetros de dilatação, membranas intactas. O registo do batimento cardíaco fetal parece bom no monitor, o bebé está ativo. Ela pediu uma epidural e o seu bólus intravenoso está a correr.

— A anestesiologia foi chamada? — pergunta Corinne.

— Foi.

— Tomo conta dela.

Só ficamos com uma paciente em trabalho de parto ativo de cada vez, se pudermos evitar, o que significa que a terceira paciente, a última desta manhã, será minha.

— A sala cinco é uma recuperação. Brittany Bauer é uma G1 P1 às trinta e nove semanas e um dia; teve uma epidural e um parto vaginal às cinco e trinta da madrugada. O bebé é um rapaz; eles querem uma circuncisão. A mãe teve diabetes mellitus gestacional tipo um, controlada com dieta; o bebé tem controlo de glicemia de três em três horas durante vinte e quatro horas. A mãe quer muito amamentar. Ainda estão em contacto pele a pele.

Uma recuperação ainda implica muito trabalho, uma relação direta enfermeira-paciente. É verdade que o trabalho de parto terminou, mas há ainda limpezas a fazer, uma avaliação física do recém-nascido e uma montanha de papelada.

— Entendido — digo, e afasto-me da mesa para ir procurar Lucille, a enfermeira da noite, que acompanhou Brittany durante o parto. Ela encontra-me primeiro, na sala do pessoal, a lavar as mãos.

— Apanhei-te — diz ela, estendendo-me a ficha médica de Brittany Bauer. — Vinte e seis anos G1, agora P1, parto vaginal esta manhã às cinco e trinta com períneo intacto. É O positivo, imune à rubéola, hepatite B e VIH negativos, SGB negativo. Diabetes gestacional, controlada por dieta, sem outras complicações. Ainda tem uma infusão intravenosa no braço esquerdo. Descontinuei a epidural, mas ela ainda não saiu da cama, por isso pergunta-lhe se precisa de se levantar e de fazer chichi. O sangramento tem estado bem, o fundo do útero está firme em U.

Abro a ficha e analiso as notas, memorizando os pormenores.

— Davis — leio. — É o bebé?

— Sim. Os sinais vitais têm sido normais, mas a glicemia da uma hora era quarenta, por isso estamos a tentar que se alimente. Mamou um pouquinho de cada lado, mas cospe um pouco e está um bocado sonolento, e não comeu muito.

— Recebeu a vitamina K e a vacina da hepatite B?

— Sim, e fez chichi, mas não cocó. Ainda não lhe dei banho nem fiz a avaliação de recém-nascido.

— Não há problema — digo. — É tudo?

— O pai chama-se Turk — replica Lucille, hesitando. — Há nele qualquer coisa um bocado... esquisita.

— Tipo o Pai Safado? — pergunto. No ano passado, tivemos um pai que flirtou com a enfermeira estudante presente na sala enquanto a mulher dava à luz. Quando ela acabou por ter de fazer uma cesariana, em vez de ficar atrás da cortina junto da cabeça da mulher, atravessou a sala de operações e disse para a enfermeira estudante: *Está quente aqui, ou é só você?*

— Não é esse género — diz Lucille. — Ele mostra-se conveniente com a mãe. É apenas... algo vago. Não sei definir.

Sempre pensei que se não fosse enfermeira obstetra daria uma ótima falsa psíquica. Somos peritas a ler as nossas pacientes para sabermos aquilo de que precisam momentos antes de elas se aperceberem. Somos igualmente dotadas quando se trata de sentir vibrações estranhas. Ainda no mês passado, o meu radar disparou quando uma paciente mentalmente perturbada chegou com uma mulher ucraniana mais velha que se fizera sua amiga na mercearia em que ela trabalhava. Havia algo esquisito na dinâmica entre elas, e segui o meu palpite e telefonei para a polícia. Acontece que a ucraniana estivera presa no Kentucky por ter roubado o bebé de uma mulher com síndrome de Down.

Assim, quando entro pela primeira vez no quarto de Brittany Bauer, não vou preocupada. Vou a pensar: *Eu trato disto.*

Bato devagarinho e empurro a porta.

— Sou a Ruth — digo. — Serei a sua enfermeira hoje. — Dirijo-me diretamente para Brittany e sorrio ao bebé aconchegado nos seus braços. — Que fofinho! Como é que se chama? — pergunto, embora já saiba. É uma maneira de iniciar uma conversa, de estabelecer uma ligação com a paciente.

Brittany não responde. Olha para o marido, um tipo grosseiro que está sentado na borda da sua cadeira. Tem o cabelo cortado rente à militar e bate com o calcanhar de uma bota como se não conseguisse ficar quieto. Percebo o que Lucille viu nele. Turk Bauer faz-me lembrar uma linha elétrica que tombou durante uma tempestade e jaz na estrada à espera apenas de que alguma coisa roce nela para poder soltar faíscas.

Não interessa se se é tímida ou recatada, ninguém que acabou de ter um bebé fica calado por muito tempo. Elas *querem* partilhar esse momento que muda a vida. *Querem* reviver o trabalho de parto, o nascimento, a beleza do seu bebé. Mas Brittany, bom, é quase como se precisasse da autorização dele para falar. *Violência doméstica?*, interrogo-me.

— Davis — engasga-se. — Ele chama-se Davis.

— Bem, olá, Davis — murmuro, aproximando-me mais da cama. — Importa-se que lhe ausculte o coração e os pulmões e veja a temperatura?

Ela aperta os braços em volta do recém-nascido, puxando-o mais para si.

— Posso fazer isso aqui mesmo — digo. — Não precisa de o largar.

Temos de dar aos novos pais um certo desconto, especialmente a uma mãe a quem já disseram que a glicemia do seu bebé está demasiado baixa. Por isso enfio o termómetro sob a axila de Davis e faço uma leitura normal. Olho para as espirais do seu cabelo: uma mecha branca pode significar perda de audição; um padrão de cabelo alternado pode assinalar problemas metabólicos. Pressiono o estetoscópio contra as costas do bebé, para lhe ouvir os pulmões. Passo a mão por entre ele e a mãe, para ouvir o coração.

Whoosh.

É tão débil que penso que é engano.

Escuto de novo, tentando certificar-me de que não foi um acaso, mas aquele leve zumbido está lá, por trás do batimento do pulso.

Turk levanta-se de forma que se agiganta sobre mim; cruza os braços.

Os nervos tomam aspetos diferentes nos pais. Por vezes, ficam combativos. Como se pudessem afastar com bravatas o que quer que há de errado.

— Ouço um murmúrio muito leve — explico, delicadamente. — Mas pode não ser nada. Nesta fase, ainda há partes do coração que se estão a desenvolver. Ainda que *seja* um murmúrio, pode desaparecer dentro de alguns dias. No entanto, vou tomar nota; pedirei à pediatra para o auscultar. — Enquanto falo, esforçando-me por me mostrar o mais calma possível, faço nova contagem de glicemia. É um *Accu-Chek*, o que significa que obtemos resultados instantâneos, e desta vez ele tem cinquenta e dois. — Ora bem, *isto* são ótimas notícias — digo, tentando dar aos Bauer algo de positivo a que se agarrarem. — A glicemia melhorou muito. — Dirijo-me ao lavatório, ligo a água morna, encho uma bacia de plástico e coloco-a no radiador. — O Davis está definitivamente a recuperar e começará provavelmente a comer bem depressa. E se eu o limpasse e o espevitasse um bocadinho, e depois podemos tentar amamentá-lo outra vez?

Inclino-me e pego no bebê. Viro as costas aos pais, pouso Davis no aquecedor e principio o meu exame. Ouço Brittany e Turk a sussurrarem de forma acesa enquanto verifico as fontanelas na cabeça do bebê e as linhas de sutura, para ter a certeza de que os ossos não se encontram sobrepostos. Os pais estão preocupados e isso é normal. Muitos pacientes não gostam de aceitar a opinião da enfermeira em assuntos clínicos; precisam de ouvir o médico para acreditar, embora as enfermeiras obstetras sejam frequentemente as primeiras a notar uma anomalia ou um sintoma. A pediatra deles é Atkins; chamá-la-ei após concluir o exame, para ela ouvir o coração do bebê.

No entanto, neste momento, a minha atenção está concentrada em Davis. Procuo equimoses faciais, hematomas ou forma anormal do crânio. Observo as pregas palmares das suas mãos minúsculas e a posição das orelhas relativamente aos olhos. Meço a circunferência da cabeça e o comprimento do corpo, que se contorce. Procuo fendas na boca e nos ouvidos. Apalpo as clavículas e meto o dedo mindinho na sua boca para verificar o reflexo de sucção. Estudo o subir e descer do pequeno fole do seu peito, para ter a certeza de que a respiração não é difícil. Carrego na barriga para verificar se está mole, observo os dedos das mãos e dos pés, procuro erupções, lesões ou sinais de nascença. Certifico-me de que os testículos desceram e procuro sinais de hipospadia, confirmando que a uretra está onde é suposto estar. Depois viro-o suavemente e observo a base da espinha, procurando covinhas, ou tufos de pelos, ou qualquer outro indicativo de defeito do tubo neural.

Apercebo-me de que os sussurros atrás de mim pararam. Porém, em vez de ser mais agradável, a sensação é de ameaça. *O que pensam eles que estou a fazer de errado?*

Quando o viro novamente de frente, os olhos de Davis começam a fechar-se. Os bebês ficam geralmente sonolentos cerca de duas horas após o parto, uma das razões para lhe dar o banho agora; despertá-lo-á o tempo suficiente para tentar que mame outra vez. Há um monte de toalhetes no aquecedor; com gestos experientes e seguros, molho um na água morna e limpo o bebê da cabeça aos pés. Depois ponho-lhe uma fralda, embrulho-o rapidamente numa

manta tipo «burrito» e lavo-lhe o cabelo sob a torneira com um pouco de champô *Johnson's* para bebé. A última coisa que faço é colocar-lhe uma banda de identificação que corresponde à que os pais têm, e aperto uma minúscula pulseira de segurança eletrónica ao tornozelo, que faz disparar um alarme se o bebé chegar demasiado perto de quaisquer saídas.

Sinto os olhos dos pais a queimarem-me as costas. Volto-me, com um sorriso colado ao rosto.

— Pronto — digo, entregando novamente a criança a Brittany. — Num brinquinho. Agora vamos lá ver se conseguimos que ele mame.

Debruço-me para ajudar a posicionar o bebé, mas Brittany encolhe-se.

— Afaste-se dela — diz Turk Bauer. — Quero falar com a sua chefe.

São as primeiras palavras que me dirige nos vinte minutos que estive neste quarto com ele e com a família, e trazem subjacente um tom de descontentamento. Tenho a certeza absoluta de que ele não quer dizer a Marie que eu fiz um trabalho impecável, mas aceno firmemente e saio do quarto, rememorando cada palavra e gesto que fiz desde que me apresentei a Brittany Bauer. Dirijo-me à secretária das enfermeiras e encontro Marie a completar um processo.

— Temos um problema no Cinco — digo, tentando manter a voz regular. — O pai quer ver-te.

— O que aconteceu? — pergunta Marie.

— Absolutamente nada — replico, sabendo que é verdade. Sou uma boa enfermeira. Por vezes mesmo excelente. Tratei daquele bebé como teria tratado de qualquer outro recém-nascido neste piso. — Disse-lhes que ouvira o que me parecia um murmúrio e que contactaria a pediatra. E dei banho ao bebé e executei o exame.

No entanto, estou seguramente a disfarçar muito mal os meus sentimentos, porque Marie fita-me com ar compreensivo.

— Talvez estejam preocupados com o coração do bebé — sugere.

Vou apenas um passo atrás de Marie quando entramos no quarto, pelo que posso observar nitidamente o alívio refletido nas caras dos pais ao verem-na

— Parece que queria falar comigo, senhor Bauer? — diz ela.

— Essa enfermeira — diz Turk. — Não quero que ela volte a tocar no meu filho.

Sinto o calor a subir desde o colarinho da minha bata até à cabeça. Ninguém gosta de ser admoestado diante do seu chefe.

Marie endireita-se, as costas hirtas.

— Posso garantir-lhes que Ruth é uma das nossas melhores enfermeiras, senhor Bauer. Se há uma queixa formal...

— Não quero que ela nem ninguém com o aspeto dela toquem no meu filho — interrompe o pai, cruzando os braços. Arregaçou as mangas enquanto esteve fora do quarto. Estendendo-se do pulso até ao cotovelo de um dos braços vê-se a tatuagem de uma bandeira dos Estados Confederados.

Marie para de falar.

Durante um momento, eu francamente não compreendo. Depois aquilo atinge-me com a força de um murro; eles não têm um problema com o que eu fiz.

Apenas com o que eu sou.